

A Plenitude dos Gentios e a Salvação de Israel

(Rm. 11.25-32)

John Murray

11.25-32

25 Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios.

26 E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades.

27 Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados.

28 Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas;

29 porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.

30 Porque assim como vós também, outrora, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia, à vista da desobediência deles,

31 assim também estes, agora, foram desobedientes, para que, igualmente, eles alcancem misericórdia, à vista da que vos foi concedida.

32 Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.

25 - As palavras “porque não quero, irmão, que ignoreis”, assim como em outras instâncias (cf. 1.13; 1 Co 10.1; 12.1; 2 Co 1.8; 1 Ts 4.13), atraem-nos a atenção para a importância do que estava prestes a ser dito e para a necessidade de lhe atribuirmos plena consideração. O apóstolo ainda estava falando aos gentios e tinha em vista a tendência às suposições equivocadas e à vanglória, da parte deles. Isso se evidencia no propósito que ele estipula a respeito de tal advertência - “para que não sejais presumidos em vós mesmos” (cf. vv. 18-21). A revelação que Paulo estava prestes a desvendar é chamada de “mistério”. Este vocábulo aparece muitas vezes nas cartas de Paulo, mas esta é a sua primeira ocorrência em Romanos; a outra se dá em 16.25. Esta última nos fornece uma definição.¹ Inclina-mos a associar a este vocábulo a idéia de segredo ou de mistério ininteligível. No entanto, não foi com tal significação que Paulo o empregou. Conforme vemos em 16.25, em segundo plano, havia o pensamento de algo oculto na mente e conselho de Deus (cf. Ef 3.9; Cl 1:26-27) e, portanto, algo inacessível aos

¹ Cf. a exposição em Rm 16.25.

homens, exceto quando Deus resolveu torná-lo conhecido. Entretanto, o que se torna óbvio neste versículo não é a idéia de ocultamento que define o termo, e sim o fato de que algo fora *revelado* e, deste modo, veio a ser conhecido e francamente comunicado.

Paulo anelava que seus leitores não ignorassem o mistério e, por conseguinte, que se tornassem conhecedores dele. Contudo, em adição à ênfase colocada sobre a revelação e o conhecimento, o termo “mistério” nos chama atenção à grandeza e preciosidade da verdade revelada. Em várias ocorrências, torna-se evidente a inigualável sublimidade daquilo que é denotado pelo vocábulo mistério (cf. 1 Co 2.7; 4.1; 15.51; Ef 1.9; 3.3-4; 5.32; Cl 1.27; 2.2; 4.3; 1 Tm 3.16).² Não precisamos supor que a revelação, nesta instância (v. 25), tivesse sido dada exclusivamente a Paulo.³ A verdade denotada como “este mistério” é que “veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios”. Ambos os elementos são claramente expressos: o endurecimento de Israel é parcial, não total;⁴ é temporário, não final. “Em parte” indica a primeira verdade; e “até que haja entrado a plenitude dos gentios”, a segunda. A restauração de Israel estava implícita no versículo 24, mas não foi algo categoricamente afirmado. Agora, porém, temos segurança expressa quanto a isso. A palavra “mistério”, por si mesma, certifica-nos a segurança outorgada pela revelação divina.

O endurecimento parcial de Israel chegará ao fim. Isto é assinalado como a “plenitude dos gentios”. Em que consiste esta “plenitude”? O termo, conforme aplicado a Israel (v. 12), assume um complexo de significado que se ajusta àquele contexto. “Plenitude” é contrastado com a transgressão e abatimento de Israel. Sem dúvida, o presente contexto produz seu próprio completo de significado para esse termo, no que se aplica aos gentios. Todavia, não conviria descartar o sentido básico encontrado no versículo 12. Neste, “plenitude”, assim

² Cf. Sanday e Headlam, *The Epistle to the Romans*, p. 334.

³ Em Efésios 3.5, Paulo associa a si mesmo outros apóstolos e profetas, como instrumentos de revelação. Além disso, o apelo de Paulo ao Antigo Testamento, como confirmação (vv. 26, 27), mostra-nos que a verdade denotada pelo termo “mistério” não fora ali inteiramente ocultada. Na revelação do Novo Testamento, a ênfase está sobre a plenitude e a clareza da revelação.

⁴ “Em parte” não se refere ao grau de endurecimento, mas ao fato de que nem todos foram endurecidos (cf. vv. 7,17). A última cláusula deste versículo por certo deveria ser entendida como uma referência a um acontecimento que findará o endurecimento de Israel. Não há base consistente para a tradução “enquanto está vindo a plenitude dos gentios”. É verdade que em Hebreus 3.13 ἄχρις οὗ, têm o sentido de “enquanto”. Mas ali tais palavras são usadas com o tempo presente, καλεῖται, e nenhuma outra tradução é possível. Em Atos 27.33, a conjunção, por igual modo, significa “enquanto” – “enquanto amanhecia”. Em Lucas 21.24, não resultaria em um sentido impossível se traduzíssemos a cláusula com ἄχρις οὗ – “enquanto os tempos dos gentios se completam”. Porém, esta seria uma tradução incomum e, no mínimo, duvidosa, em face do subjuntivo aoristo passivo, πληρωθῶσιν. Em todos os outros casos, no Novo Testamento, quer usada como o aoristo, quer com o futuro, o sentido de “até que” é a tradução necessária e indica um ponto em que algo se realiza ou um ponto em que algo aconteceu (cf. At 7.18; 1 Co 11.26; 15.25; Gl 3.19; Ap 2.25). Portanto, em Rm 11.25 seria mister afastar-nos do padrão, a fim de que traduzíssemos a cláusula de modo diferente de “até que haja entrada a plenitude dos gentios”. E o contexto determina que esta seja a interpretação necessária do significado da cláusula em questão.

como “restabelecimento” refere-se às massas populacionais de Israel, em distinção a um remanescente, a minoria restaurada ao arrependimento, à fé, ao favor e à bênção da aliança divina, bem como ao reino de Deus. Em outras palavras, a questão número não pode ser suprimida. Excluir esta noção, no versículo 25, não seria compatível com as indicações fornecidas neste capítulo, quanto ao sentido do vocábulo em questão. No mínimo, esperaríamos que a “plenitude” dos gentios envolvesse bênçãos amplas em favor deles, bênçãos comparáveis àquelas conferidas a Israel e claramente envolvidas em sua “plenitude” (v. 12) e seu “restabelecimento” (v. 15).

Em adição a isso, há outras considerações que precisam ser levadas em conta, derivadas do contexto imediato: (1) o verbo “entrar”, do qual “a plenitude dos gentios” é o sujeito, é o vocábulo padrão do Novo Testamento para indicar a entrada no reino de Deus e na vida eterna (cf. Mt 5.20; 7.13; 18.3; Mc 9.43,45,47; Jo 3.5; At 14.22).⁵ A idéia, pois, é a de gentios entrando no reino de Deus. A perspectiva é a do futuro, pelo menos do ponto de vista do apóstolo. O único modo pelo qual aqueles que já entraram poderiam ser incluídos consiste em supor que “a plenitude dos gentios” significa o número total de eleitos dentre os gentios, suposição que será abordada em seguida. Nesta altura, o ponto central é que se torna impossível excluir da expressão “até que haja entrado” a idéia do número de pessoas que entrarão no reino de Deus.

(2) Nas palavras “endurecimento em parte”, encontra-se subentendida a idéia quanto ao número. Nem todos foram endurecidos; sempre haverá um remanescente; o endurecimento não foi completo.

(3) As palavras “todo o Israel”, no versículo 26, conforme se observará, referem-se às massas populacionais de Israel, em contraste com um remanescente. Diante dessas considerações, seria insustentável alegar que à expressão “a plenitude dos gentios” não pode ser vinculada a qualquer idéia de proporção numérica.

Tem sido advogado que esta designação significa o cômputo total dos eleitos dentre os gentios⁶ ou, então, o número adicional necessário para perfazer o cômputo total dos gentios eleitos. Segundo esse ponto de vista, o sinal para a restauração de Israel seria o término do número total daqueles que serão salvos dentre os gentios. Admite-se que a palavra “plenitude”, *por si mesma*, poderia denotar esse término. Porém, considerações de contexto militam contra tal interpretação. (1) A “plenitude” de Israel (v. 12) não pode ser o número total dos eleitos dentre Israel. A “plenitude” é contrastada com a transgressão e o abatimento de Israel e tem de referir-se à restauração de todo o Israel à fé e ao arrependimento. O número total dos eleitos de Israel ou o

⁵ Às vezes, o verbo é usado em sentido absoluto, como neste versículo.

⁶ Cf. C. K. Barrett, *A Commentary on the Epistle to the Romans*.

número necessário para consumir esse total não preveria o contraste, nem expressaria a restauração que a passagem requer. O número total dos eleitos ou o número restante para completar o total exigiria nada mais que o total de um remanescente em todas as gerações. O versículo 12, todavia, visualiza uma situação quando não se tratará mais de um remanescente salvo, e sim de uma imensa população salva. Aplicando esta analogia ao uso do termo “plenitude”, no versículo 12, à sua ocorrência no versículo 26, para dizermos o mínimo, o apóstolo nos indica um número incomparavelmente maior de gentios entrando no reino de Deus. De qualquer maneira, a “plenitude” de Israel não pode significar apenas o cômputo total dos eleitos de Israel, nem mesmo o complemento adicional necessário para completar tal cifra. Assim, pois, não há base alguma para impormos este conceito sobre o mesmo termo, no versículo 25. As evidências decisivamente são contrárias a isso.

(2) A idéia de que “plenitude” significa o número adicional necessário para completar os eleitos dentre os gentios se harmonizaria à expressão “haja entrado”, mas a opinião de que “plenitude” significa o número total dos eleitos dentre os gentios não concorda com a perspectiva indicada na cláusula “até que haja entrado a plenitude dos gentios”; e a razão para isso é que esta cláusula se refere a uma entrada que ocorrerá no futuro e proverá essa perspectiva. O número total inclui aqueles que já haviam entrado, e seria incoerente falar sobre aqueles que já haviam entrado como se estivessem contemplados na expressão “até que eles tenham entrado”. Assim, a interpretação que assevera a idéia de um “cômputo total” fica eliminada. Porém, mesmo que adotemos a opinião de que “plenitude” significa o número adicional, uma idéia compatível com as palavras “haja entrado”, ainda teremos de levar em conta a analogia do versículo 12, ou seja, que a “plenitude” subentende uma proporção tal que apresente contraste com o que foi mencionado antes. Em outras palavras, não podemos excluir de “plenitude” o aumento e a extensão das bênçãos necessariamente envolvidas neste vocábulo, no versículo 12. Neste caso, tal aumento teria de ser interpretado em termos de entrar no reino de Deus; e isto, por sua vez, significaria grande influxo de gentios no reino de Deus.

(3) No versículo 12, o apóstolo declara que a plenitude de Israel trará maiores bênçãos aos gentios. Conforme já observamos, a interpretação que mais se harmoniza ao contexto é a de maior ampliação das bênçãos, mencionada no mesmo versículo, como “riqueza” do mundo e dos gentios. Todavia, se “a plenitude dos gentios” significa o cômputo total dos eleitos dentre os gentios, a plenitude de Israel finalizaria qualquer ampliação, entre os gentios, daquele tipo de bênção sugerido pelo versículo 12.

Os informes do contexto, portanto, indicam a conclusão de que “a plenitude dos gentios” se reporta à bênção destinada aos gentios, que é correlata e similar à ampliação da bênção destinada a Israel, detonada

pelos termos “a sua plenitude”, no versículo 12, e “o seu restabelecimento”, no versículo 15.

Poder-se-ia objetar que a interpretação acima manifesta um elemento de incoerência no ensino de Paulo. Por um lado, a “plenitude” de Israel redundava em bênçãos sem precedentes para os gentios (vv. 12,15). Por outro lado, a “plenitude dos gentios” assinala o término do endurecimento de Israel e sua restauração (v. 25). Porém, a coerência destas duas perspectivas não é prejudicada, se conservamos em mente a mútua interação entre judeus e gentios, visando a ampliação das bênçãos. Precisamos tão-somente aplicar o pensamento do versículo 31, de que, pela misericórdia demonstrada aos gentios, Israel também pode obter misericórdia. Mediante a plenitude dos gentios, Israel será restaurada (v. 25); mediante a restauração de Israel, os gentios serão incomparavelmente enriquecidos (vv. 12,15). O único obstáculo a esse ponto de vista a respeito da seqüência é a suposição de que a “plenitude dos gentios” é a consumação das bênçãos destinadas aos gentios, não deixando lugar para maiores ampliações das bênçãos do evangelho. “A plenitude dos gentios” denota bênçãos sem precedentes para eles, mas não exclui as maiores bênçãos que seguirão. A restauração de Israel contribui para estas bênçãos subseqüentes.⁷

Não devemos esquecer que o principal interesse do apóstolo, no versículo 25, é a remoção do endurecimento de Israel e sua conversão, como um todo.⁸ Este é o tema dos versículos 11 a 32. Esta verdade é expressamente afirmada no versículo 12, reiterada, em termos diferentes, no versículo 15 e reiniciada no versículo 25. Nos versículos 17 a 22, Paulo achou necessário advertir os gentios contra a vanglória. No entanto, ele voltou ao tema da restauração de Israel, no versículo 23; recorreu a considerações demonstrando que Israel pode ser novamente enxertado, nos versículos 23 e 24; e apelou à revelação divina em uma final confirmação sobre a certeza desta seqüência de acontecimentos, no versículo 25. Isso nos prepara para a interpretação do versículo 26.

26-27 - “E, assim”, as palavras iniciais do versículo 26, indicam que a proposição a ser proferida ou é análoga ou flui da revelação enunciada no versículo anterior. Significam “de conformidade com isso”, dando continuidade ao pensamento do que precede ou retratando suas implicações.⁹

“Todo o Israel será salvo” é a proposição envolvida. Deveria ser evidente, tanto pelo contexto imediato quanto pelo mais distante, nesta

⁷ “Devemos lembrar que Paulo estava falando como profeta, *ἐν ἀποκαλύψει*, (1 Co 14.6), e, portanto, sua linguagem deve ser interpretada pelas regras de interpretação profética. Profecia não é história proléptica” (Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Romans*, p. 588).

⁸ Juntamente com a restauração de Israel, existe também a grande vantagem que caberá aos gentios proveniente dessa restauração (cf. vv. 12,15).

⁹ A força de *καὶ οὕτως* também poderia ser que elas introduzem algo correlato ao que as antecede.

parte da carta, que é exegeticamente impossível atribuir à palavra “Israel”, neste versículo, qualquer outra significação além daquela que lhe pertence em todo este capítulo. Existe o permanente contraste entre Israel e os gentios, conforme já demonstramos na exposição anterior. Que outra conotação poderíamos atribuir a Israel, no versículo 25? Paulo estava falando a respeito do Israel étnico; e, neste caso, é impossível que Israel, em seu escopo, incluía os gentios, pois, se os incluísse, o versículo 25 seria reduzido a um absurdo. E, posto que o versículo 26 é uma afirmação paralela ou correlata, o sentido de “Israel” deve ser o mesmo que se encontra no versículo 25.¹⁰

A interpretação pela qual as palavras “todo o Israel” são entendidas como se fossem os eleitos dentre Israel, o verdadeiro Israel em contraste com o Israel segundo a carne, em consonância com a distinção traçada com 9.6, não é viável devido a várias razões:

(1) Apesar de ser verdade que todos os eleitos de Israel, o verdadeiro Israel, serão salvos, esta é uma verdade tão necessária e óbvia, que asseverar tal coisa aqui não teria qualquer relevância particular ao interesse central do apóstolo nesta seção da carta. Além disso, embora seja correto que a eleição, com a certeza de seu resultado redentor, é uma verdade da revelação, ela não é uma verdade que exigiria uma forma especial de revelação, dada a entender pelas palavras “este mistério” (v. 25). E, visto que o versículo 26 está tão intimamente ligado ao versículo 25, a certeza de que “todo o Israel será salvo” é simplesmente outra maneira de afirmar o que foi expressamente chamado de “mistério”, no versículo 25, ou, pelo menos, uma maneira de retratar suas implicações. Neste caso, a palavra “mistério” não envolve a particularidade de que todos os eleitos serão salvos.

(2) A salvação de todos os eleitos de Israel afirma ou subentende a salvação de um remanescente de Israel, em todas as gerações. Mas o versículo 26 leva a um clímax um argumento continuado que ultrapassa essa doutrina. Paulo se ocupava com o desdobramento do plano divino de salvação na história e com o seu desenvolvimento final, que envolverá judeus e gentios. A cláusula em questão deveria ser entendida em termos dessa perspectiva histórica.

(3) O versículo 26 segue uma seqüência íntima ao versículo 25. A tese principal deste último e que o endurecimento de Israel terminará

¹⁰ “É impossível entretermos uma exegese que entende ‘Israel’ (v. 26) em um sentido diferente do que possui este vocábulo no versículo 25” (F. F. Bruce, *op., cit., ad loc.*; cf., *em contrário*, Calvino, *op., cit., ad loc.*). De nada vela recorrer, conforme fez Calvino, a Gálatas 6.16. Nesta passagem, há o contraste substancial entre Israel e os gentios. Não encontramos tal contraste no contexto de Gálatas 6.16. Embora Calvino tenha reputado “todo o Israel” como uma referência a todo o povo de Deus, incluindo judeus e gentios, ele não excluiu a restauração de Israel como um povo à obediência da fé. “Quanto os gentios tiverem entrado, os judeus, ao mesmo tempo, retornarão de seu desvio à obediência da fé. A salvação do Israel de Deus, que deve ser extraído de ambos os povos, será deste modo consumada, de tal maneira que os judeus, na qualidade de primogênito da família de Deus, obterão o primeiro lugar” (*op., cit., ad loc.*; cf. também seu comentário, *ad* 11.15).

quando Israel for restaurado. Esta é apenas outra maneira de afirmar aquilo que foi chamado de “plenitude” de Israel, no versículo 12, de “restabelecimento”, no versículo 15, e de “enxertar de novo”, nos versículos 23 e 24. Seria praticar uma violência exegética reputar a declaração “todo o Israel será salvo” como uma referência a qualquer coisa além desse informe preciso.¹¹

Se conservarmos em mente o tema deste capítulo e a contínua ênfase sobre a restauração de Israel, não nos restará qualquer outra alternativa, senão concluir que a proposição “todo o Israel será salvo” deve ser interpretada em termos da plenitude, do acolhimento, do recebimento, do enxertar Israel como um povo, de sua restauração às bênçãos e ao favor do evangelho e do seu retorno à fé e ao arrependimento. Visto que os versículos anteriores estão relacionados ao versículo 26, a salvação de Israel tem de ser concedida em uma escola proporcional à sua perda, à sua rejeição, à sua remoção da oliveira natural, ao seu endurecimento e, evidentemente, proporcional na direção oposta. Esta é a implicação clara do contraste subentendido na plenitude, no recebimento, no enxertar e na salvação. Em resumo, o apóstolo estava afirmando a salvação das massas populacionais de Israel.

Entretanto, há duas observações que precisamos fazer para resguardarmos a proposição de uma extensão exagerada a respeito de seu significado: (1) ela pode ser interpretada como se desse a entender que, ao tempo de seu cumprimento, todo israelita se converterá. A analogia é contrária a insistirmos nessa interpretação. A apostasia de Israel, sua transgressão, sua perda, sua rejeição, seu endurecimento não foram universais. Sempre houve um remanescente, nem todos os ramos foram arrancados, e seu endurecimento foi parcial. Por semelhante modo, a restauração e salvação não precisam incluir cada israelita. “Todo o Israel” pode se referir ao povo como um todo, segundo o padrão adotado em todo este capítulo.¹² (2) Paulo não estava refletindo acerca da questão da relativa proporção entre os judeus salvos, por ocasião da prestação de contas final, no juízo divino. Precisamos ser novamente lembrados da perspectiva história na presente seção. O apóstolo estava pensando em uma época futura, quando chegará ao fim o endurecimento de Israel. Assim como a plenitude, o recebimento e o enxerto têm essa referência temporal, assim também deve tê-la a salvação de Israel. Portanto, essa proposição reflete meramente o que será uma realidade, naquele ponto ou época da história.

Conforme é característico nesta carta e, particularmente nos capítulos 9 e 11, o apóstolo recorreu às Escrituras em busca de apoio

¹¹ Além disso, quão contrário ao clímax, nesse contexto, seria a verdade geral implícita em todo o ensino de Paulo afirmando que todos os eleitos serão salvos!

¹² “paV deve ser entendido no sentido próprio do termo: ‘Israel como um todo, Israel como uma nação’, e não necessariamente como se incluisse cada indivíduo israelita. Cf. 1 Rs 12.1; 2 Cr 12.1; Dn 9.11” (Sanday e Headlam, *op. cit., ad loc.*).

(cf. 9.12,15,17,25,27,29,33; 10.5,8,11,18-21; 11.8-9). A primeira parte da citação é extraída de Isaías 59.20-21, e a última, de Jeremias 31.34.¹³ Não podemos duvidar que Paulo considerou estas passagens do Antigo Testamento aplicáveis à restauração de Israel. Nas porções anteriores deste segmento da carta, alguns trechos escriturísticos haviam sido citados para apoiar vários desses argumentos e teses. Pode haver alusões ocultas à conversão de Israel em algumas destas ocasiões (cf. 10.9; 11.1-2). Mas esta é a primeira vez em que ocorre um exposto apelo às Escrituras, em apoio à restauração em ampla escala, sendo duvido que haja ao menos uma referência indireta a isso nestas passagens anteriores. Essa evidente aplicação é um indicativo do princípio de interpretação que deveria ser aplicado a inúmeras passagens do Antigo Testamento que exibem a mesma idéia vista em Isaías 59.20-21, ou seja, que encerram a promessa de uma expansão das bênçãos do evangelho, à semelhança daquela que Paulo enuncia nos versículos 25 e 26.¹⁴ Os elementos destas citações especificam para nós o que está envolvido na salvação de Israel. Os elementos são a redenção, o abandonar a impiedade, o selar da aliança da graça e o remover os pecados, que são o âmago das bênçãos do evangelho; e servem de índice a respeito do que significa a salvação de Israel. Não há qualquer sugestão sobre privilégio ou *status*, e sim sobre o que é comum a judeus e gentios na fé em Cristo.

A cláusula “esta é a minha aliança com eles” justifica maiores comentários. À parte de Romanos 9.4, onde as alianças patriarcais são mencionadas, esta é a única referência à aliança nesta carta. De acordo com a idéia bíblica de aliança (uma confirmação obrigada por juramento), temos aqui a garantia da fidelidade de Deus à sua promessa e, por conseguinte, a certeza de seu cumprimento. Esta certeza da aliança não pode ser desvinculada da proposição (em cujo apoio é citado o texto) nem daquilo que se segue no versículo 28. Portanto, o efeito é que a futura restauração de Israel está assegurada por nada menos do que a certeza pertencente à instituição da aliança. Devemos observar que as outras cláusulas, coordenadas àquela que concerne à aliança, referem-se àquilo que será feito por Deus ou pelo Libertador. De modo coerente ao conceito de aliança, a ênfase recai sobre aquilo que Deus

¹³ Em Isaías 59.20, o grego difere do hebraico na segunda cláusula. Paulo citou literalmente o grego, mas o hebraico diz: “E àqueles que se converterem da transgressão em Jacó”. A primeira cláusula, na citação paulina, não corresponde exatamente ao hebraico e ao grego. O primeiro diz “a Sião” ou “por Sião”, e o grego o traduz acertadamente por “em favor de Sião”, assim como em Salmos 14.7 (na Septuaginta, 13.7). Não deve haver grande dificuldade. A preposição hebraica, neste caso, é capaz de ambas as traduções; e Paulo se sentiu em liberdade para utilizar o que desejou. Ambos os significados são corretos: o Redentor procedeu de Sião, para libertá-la. A ênfase no ensino de Paulo, nesta passagem, recai sobre o que o Redentor fará *em favor de Sião*. Porém, na primeira cláusula, o pensamento focaliza-se sobre a relação entre o Redentor e Sião, conforme o padrão de Rm 9.5. Isto se harmoniza à ênfase total desse contexto e ressalta a relevância da obra salvífica consumada pelo Redentor em favor de Israel como um povo.

¹⁴ Cf. Sl 14.7; 126.1-2; Is 19.24-25; 27.13; 30.26; 33.20-21; 45.17; 46.13; 49.14-16; 54.9; 60.1-3; 62.1-4; Mq 7.18-20. Isto se torna mais evidente quando percebemos que Is 59.20-21 fornece a base para 60.1-3 e que 54.9-10 apresenta a mesma ênfase sobre a fidelidade da aliança, assim como em 59.20-21, o texto ao qual o apóstolo recorreu.

fará, ou seja, sobre a atividade divina. Em Isaías 59.21, a aliança é afirmada em termos de outorga perpétua do Espírito e da Palavra de Deus, outro indicativo da certeza envolvida na graça da aliança.¹⁵

28-29 - A primeira cláusula do versículo 28 alude ao que o apóstolo observara antes, nos versículos 11,12 e 15. A única característica que requer comentário adicional é o significado do vocábulo “inimigos”. Não devemos entendê-lo de maneira subjetiva, referindo-se à inimizade dos judeus para com os gentios ou vice-versa. Mas refere-se à alienação do favor e da bênção divinos. Isto é comprovado pelo contraste com “amados”, na cláusula seguinte: “Amados” deve significar amados por Deus. “Inimigos” tem em vista o mesmo relacionamento denotado por “rejeitados”, no versículo 15, onde esta palavra é contrastada com a reconciliação e com o restabelecimento, os quais indicam a recepção no favor e na bênção de Deus. Portanto, “inimigos” indica a rejeição de Israel, acerca da qual Paulo estava falando em todo este capítulo. Isto serviu de oportunidade para anunciar o evangelho aos gentios. Assim como no contexto, ele dirige a palavra aos gentios.

A segunda cláusula do versículo 28 suscita maiores dificuldades. Deve ser observado que as duas cláusulas aludem às relações contemporâneas entre Deus e Israel. Israel é, ao mesmo tempo, “inimigo” e “amado”: inimigo no tocando ao evangelho, amado no que concerne à eleição. Esse contraste significa que, por haverem rejeitado o evangelho, eles foram rejeitados, e o evangelho foi oferecido aos gentios, mas, a despeito disso, por causa da eleição e devido ao seu relacionamento com os patriarcas, eles eram amados.

“A eleição”, neste caso, não é a mesma de Romanos 11.6-7 - Nestes versículos, a eleição pertence exclusivamente ao remanescente, em distinção à maioria do povo de Israel, que havia sido rejeitado e endurecido; e, por isso, denota a eleição particular que garante a justiça da fé e a salvação. Todavia, nesta instância, Israel como um todo está em foco, o Israel alienado do favor divino, devido à incredulidade.¹⁶ A eleição, pois, é a de Israel como um povo e corresponde ao “povo a quem de antemão conheceu”, no versículo 2, a eleição teocrática. Isso também se torna evidente pela expressão “por causa dos patriarcas”; é outra maneira do apóstolo afirmar o que havia dito em termos das primícias e da raiz, no versículo 16. “Amados”, pois, significa que Deus não suspendera ou rescindira suas relações com Israel, como seu povo escolhido, em termos das alianças firmadas com seus antepassados.

¹⁵ É importante notar que, embora Paulo tenha feito distinção entre Israel e Israel, descendência e descendência, filhos e filhos (cf. 9.6-13), ele não faz tal discriminação em termos de “aliança”, a ponto de distinguir entre aqueles que estão na aliança, em sentido mais amplo, e aqueles que são verdadeiros participantes de sua graça.

¹⁶ “Ele não estava abordando, devemos lembrar, a eleição particular de qualquer indivíduo, e sim a adoção comum de uma nação inteira” (Calvino, *op. cit.*, *ad loc.*).

Ainda que Israel se mostrara infiel e, por essa razão, fora arrancado da oliveira natural, Deus continua mantendo seu peculiar relacionamento de amor para com eles, um relacionamento que será demonstrado e vindicado na restauração (vv. 12, 15 e 25).

É sob essa luz que o versículo 29 deve ser compreendido. “Os dons e a vocação de Deus” dizem respeito àqueles mencionados em Romanos 9.4-5 como privilégios e prerrogativas de Israel. Que estes são “irrevogáveis” é uma afirmativa especialmente ligada ao fato de que a adoção, as alianças e as promessas, em sua aplicação a Israel, não haviam sido ab-rogadas. O apóstolo faz um apelo à fidelidade de Deus (cf. 3.3). A veracidade de Deus assegura a continuação desse relacionamento instituído através das alianças firmadas com os patriarcas, como indicativo da certeza pertencente à confirmação da aliança.

30-31 - Paulo continua ainda a dirigir-se aos gentios. O versículo 30 é uma reiteração, em termos diferentes, daquilo que já havia sido dito nos versículos 11, 12, 15 e 28 - que os gentios haviam se tornado participantes da misericórdia divina, através da desobediência de Israel. O versículo 31, embora não esteja sem paralelo nos anteriores (cf. 11b, 14, 25b), enuncia expressamente a relação que a salvação dos gentios mantém para com a restauração de Israel. A salvação dos gentios foi promovida pela desobediência de Israel. Mas é o reverso disso que ocorrerá quando se realizar a salvação de Israel. Ela se dará através da misericórdia demonstrada para com os gentios,¹⁷ não através da desobediência ou afastamento deles. A graça do plano divino para salvação de judeus e gentios é demonstrada por essa progressão; e as três ocorrências dos termos que expressam misericórdia nestes dois versículos (cf. 9.15,16) focalizam com maior nitidez a ênfase sobre a soberana beneficência de Deus, no processo inteiro aqui descrito. Deste modo, estamos preparados para a declaração do misericordioso desígnio de Deus, no versículo 32.

32 - Nos dois versículos anteriores, a tríplice ocorrência dos termos que expressam misericórdia ressaltam o lugar que a misericórdia divina ocupa na salvação dos homens. Não menos notável, porém, é a tríplice referência à desobediência. A lição é óbvia. É somente no contexto da desobediência que a *misericórdia* tem relevância e significado. A misericórdia possui tal caráter, que a desobediência é seu complemento ou pressuposição; ela existe e atua somente quando exercida em favor dos desobedientes. Esta é a verdade que se destaca na expressão do versículo 32, em termos da *ação* providencial de Deus. Não é simplesmente que os homens são desobedientes, estando assim em

¹⁷ τῷ υμετέρῳ ἐλεεῖ são palavras que devem ser ligadas ao termo τῷ, que as segue; cf. a mesma construção gramatical em 2 Co 2.4b e Gl 2.10.

uma condição que dá margem ao exercício da misericórdia; e, pela soberana graça de Deus, eles se tornam objetos dessa misericórdia. A ênfase recai sobre a ação determinada de Deus. Ele “a todos encerrou na desobediência”. Foi determinado no juízo que todos ficassem efetivamente envolvidos nos liames da desobediência e, portanto, presos à mesma, de modo que não haja qualquer possibilidade de escape dessa servidão, exceto quando a misericórdia de Deus outorgar libertação. Não há possibilidade de amenizar a severidade da ação aqui declarada.

No entanto, é a severidade que exhibe a glória do pensamento central deste versículo. A severidade ocorreu a fim de que Ele usasse “de misericórdia para com todos”. Quanto mais meditamos sobre o que está implícito na primeira cláusula, maior se torna nossa apreensão sobre as maravilhas da segunda. E agora não temos apenas a correlação entre a desobediência e a misericórdia; o encerramento na desobediência, sem qualquer abrandamento quanto à severidade envolvida, tem por alvo a exibição da misericórdia. A primeira tem o propósito de promover a segunda. O apóstolo avança do pensamento de complementação para o de subordinação. Se formos sensíveis às profundezas do desígnio aqui afirmado, teremos de perceber sua insondabilidade e seremos forçados a dizer: o caminho de Deus percorre o mar, e suas veredas, as grandes águas; os seus passos são desconhecidos (cf. Sl 77.19). Esta foi a reação de Paulo. Por isso, ele exclamou: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (v. 33) Não se trata da reação de espanto; pelo contrário, é a resposta de uma admiração adoradora, repleta de júbilo e louvor. Quando nossa fé e compreensão contemplam os horizontes da revelação, nossos corações e mentes são avassalados pelo incompreensível mistério das obras e dos caminhos de Deus.

Nos termos do próprio ensino de Paulo (cf. Rm 2.4-16; 9.22; 2 Ts 1.6-10), é impossível considerarmos a cláusula final do versículo 32 como uma referência à salvação de toda a humanidade. O contexto determina a abrangência desta salvação. O apóstolo estava pensando em judeus e gentios. No contexto anterior, ele abordara os papéis diferenciados de judeus e gentios no desdobramento dos propósitos salvíficos mundiais da parte de Deus (cf. vv. 11-12, 15, 25-28). Mesmo nos dois versículos anteriores essa diferenciação está presente, em certo grau. Os gentios obtiveram misericórdia por causa da desobediência de Israel, e este obterá misericórdia mediante a misericórdia demonstrada aos gentios.

No versículo 32, porém, a ênfase recai sobre aquilo que é comum a todos, sem distinção – o fato de que foram encerrados na incredulidade e, por esse motivo, são objetos apropriados da *misericórdia*. Entretanto, isto não possui mais exceção do que no caso dos versículos 30 e 31, aplicados a todos os gentios e judeus, tampouco no caso do versículo 26, que se aplica a todo o Israel do passado, do

presente e do futuro. Assim, pois, “misericórdia para com todos” significa que todos, sem distinção, são participantes dessa misericórdia. Embora a primeira cláusula do versículo 32 seja verdadeira a respeito de todos, sem exceção (cf. Gl 3.22), não parece que, nesta instância, Paulo estivesse refletindo sobre este fato, mas, conforme o padrão do contexto e em harmonia com a última cláusula, ele enfatizava que gentios e judeus, sem qualquer diferença entre eles, estão todos encerrados na desobediência.

Fonte: *Romanos*, John Murray
Editora Fiel, p. 454-467.